

sentido literal", que por dois milênios atribuiu à metáfora um papel meramente ornamental no trabalho dos poetas, trabalho este visto como algo alienado da vida diária. Os autores acreditam ter comprovado que "ao contrário, a metáfora poética, longe de ser ornamental, lida com aspectos centrais e indispensáveis do nosso sistema conceptual". Eles concluem que "os poetas podem recorrer às metáforas no nosso dia a dia para nos levar além delas, nos tornar mais perspicazes do que seríamos se pensássemos apenas através de modelos padronizados".

Acredito que essa nova contribuição de George Lakoff, da mesma forma que inspirou inúmeros trabalhos na área lingüística, especialmente na área da análise do discurso, venha agora servir de suporte a trabalhos na área dos estudos literários.

Vera Menezes

**SENRA, Angela. *Paixão e fé - Os Sinos da Agonia* de Autran Dourado. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.**

Teoria e prática textual, assim podemos definir em linhas gerais o texto de Angela Senra. Por entre discursos da crítica, um é escolhido: a crítica intertextual. Assim, a autora caminha com desenvoltura, reabilitando conceitos e

desconstruindo-os a um só tempo.

Barthes - lembranças do discurso do velho mestre, ou o que ficou de Barthes no coração de Angela. No coração, memória e coragem que se vai rastreando na crítica-escritura.

Como separar leitura/escritura? Teórica e praticamente mostrada essa elisão, a autora trilha a narrativa de Autran Dourado. Um texto crítico que se sabe arqueologia. Intertextualmente sendo construído trecho a trecho, detalhe por detalhe, significante por significante, a cada título, a cada capítulo do romance.

Seduzida radicalmente pelo texto de Autran, Angela-texto procura no texto - Sinos da Agonia, as significações, mesmo sabendo da perda, do *fading*, que o desejo incita. Partindo desse jogo, outros jogos são armados: colar, cortar, recortar o texto. Citando, porque re-citando. Texto-labirinto. Labirinto que, no brincar mostra/esconde os enigmas, os sentidos, diante de nosso ler, diz a narrativa.

Não diz o um, Autran, diz o múltiplo: Milton Nascimento, Nelson Angelo, Fernando Brant, Tavinho Moura, Lô e Márcio Borges, Ronaldo Bastos, muitas vezes orquestrando essa paixão, essa fé polifonicamente.

Pitadas da História na Literatura. Entre a História e o mito a autora nos remete à crise dos paradigmas e nos engendra prazerosamente na leitura de prazer/leitura de gozo. Relações, pequenos pedaços dos

mitos, migalhas da História Malvina é Diana - Afrodite; João Diogo é Teseu, na toalha em que Angela/Ariadne vai tecendo os fios, não da narrativa, mas da crítica.

Como ela mesma diz:

O labirinto em Os Sinos da Agonia é o breve cruzamento dos caminhos: encontros e desencontros de amor, traça, devassa. É o espaço da paixão e fé: ruas tortuosas de Vila Rica

esconderijo de Januário amante - criminoso, palco do cortejo de Corpus Christi e da procissão da morte em effigie

“Labirinto é o centro perdido, o caminho nunca encontrado” (p.47)

Não seria assim também seu processo de crítica ao deixar-se enredar pelas teias da narrativa e ao mesmo tempo seu olhar?

Vera Casa Nova